



Roda da Fortuna

Revista Eletrônica sobre Antiguidade e Medievo
Electronic Journal about Antiquity and Middle Ages

Richard Utz¹

A Noção de Idade Média: Nossa Idade Média, Nós Mesmos²

The Notion of the Middle Ages: Our Middle Ages, Ourselves

Resumo:

O presente texto levanta questionamentos sobre como o estudo tradicional da Idade Média, depois de mais de um século de crescimento e estabilidade, está agora em declínio. Em partes, devido às pressões políticas e a transformação do ensino superior, mas por outro lado, como resultado de um fenômeno social natural que acontece quando novos campos, ideias e metodologias remodelam o quê, e como nós ensinamos e aprendemos. Richard Utz faz uma leitura dessas questões colocando em xeque temporalidades e separações criadas pela própria Academia, e oferece algumas sugestões de ampliação das percepções e atuações da área para o século XXI.

Palavras-chave:

Medievalismo; Academia; Amadores.

Abstract:

The present text raises questions about the traditional academic study of the Middle Ages, after more than a century of growing and plateauing, is now on the decline. This is only in part due to nefarious political pressures and the oft-lamented corporatization of higher education, but for the most part a natural social phenomenon that happens when new fields, ideas, and methodologies reshape what and how we teach and learn. Richard Utz makes a reading of these questions, putting into question temporalities and separations created by the Academy itself, and offers some suggestions for expanding the area's perceptions and actions for the 21st century.

Keywords:

Medievalism; Academy; Amateurs.

¹ Diretor da *School of Literature, Media, and Communication* da Universidade Georgia Tech (Atlanta, USA), e-mail: richard.utz@lmc.gatech.edu

² Tradução realizada por Barbara L. Roma. Mestre em História pela Universidade de São Paulo (USP), e-mail: barbara_roma@hotmail.com Esse texto foi apresentado originalmente no *50th International Congress on Medieval Studies 2015* (Kalamazoo, USA) em formato palestra e posteriormente publicado, em formato parcial, sob o título *Don't Be Snobs, Medievalists* no *The Chronicle of Higher Education* pelo autor.

A imagem abaixo foi tirada em 1953. Como se pode notar, o casal está vestido em trajes pré-modernos costurados à mão para assemelhar-se às roupas utilizadas por nobres e ricos cidadãos da cidade bávara de Amberg, Alemanha, por ocasião das luxuosas festividades de casamento de Margarete, filha do Duque Ludwig IX da Baviera (†1479), com Philip o Justo, Eleitor Palatino do Reno (†1508), em 1474.

Imagen 1



Casal em trajes pré-modernos para encenação histórica (Amberg, Alemanha, 1953)

Um desfile histórico do casamento foi registrado em 1934 como parte das celebrações, encabeçada pelo prefeito nazista de Amberg Josef Filbig, do 900º aniversário da primeira menção escrita sobre a cidade. A performance de 1953 apresentou uma versão aparentemente revisada da exibição original de 1934, e mais uma vez Josef Filbig foi prefeito de Amberg, desta vez democraticamente eleito com 64% dos votos como candidato do partido de direita *Deutsche gemeinschaft*. O homem na foto, um professor de música, serviu como diretor do coral das festividades.

Um ano antes da foto ser tirada, a mulher e o homem haviam se casado na igreja barroca de peregrinação *Mariabif*, construída durante a Guerra dos Trinta Anos (1618-1648), porque os cristãos da região acreditavam que a Virgem Maria havia

salvado sua cidade da peste. A mulher na foto viria a lecionar em dois colégios católicos de ensino médio gerido pela Escola das Irmãs de Notre Dame, uma ordem do século XIX fundada para neutralizar a educação moderna secular. E o homem, depois de uma carreira no ensino e administração escolar, seria nomeado Cavaleiro da Ordem Equestre do Santo Sepulcro, uma ordem católica cavalheiresca que traça suas origens de volta a Godfrey de Bouillon, o líder da primeira Cruzada, cuja missão é reforçar a prática da vida cristã, sustentar e ajudar as obras religiosas, espirituais, filantrópicas e sociais da Igreja Católica na Terra Santa.

O casal teve dois filhos, a quem eles criaram na tradição da fé católica e cresceriam imersos em uma cultura midiática mergulhada em representações anglo-americanas do cavalheirismo medieval, como Rei Arthur, Ivanhoé, e Robin Hood, ou de seus descendentes culturais, de Príncipe Valente a Zorro. Um de seus filhos veio a se tornar um medievalista, escrevendo sua dissertação de doutorado sobre Geoffrey Chaucer sob a orientação de Karl Heinz Göller que, em 1983, entregou o discurso em plenário no *International Congress on Medieval Studies* (Kalamazoo, MI, EUA) sobre o “*Rei Arthur como um meio de ação política*”. Anos mais tarde, o filho medievalista mudou-se para os EUA e escreveu um livro sobre a recepção de Chaucer no mundo de língua alemã, intitulado *Chaucer and the discourse of German Philology* (2002, sem tradução), o qual incluía um capítulo sobre um filólogo alemão do século XIX, predecessor que também se mudou da Alemanha para os EUA.

Caso o leitor esteja horrorizado com esta discreta “selfie” acadêmica, vou interromper minha narrativa e admitir que o casal na imagem são meus pais, Hildegard e Clement Utz, retratados aqui como em Príncipe Valente. O que a junção de momentos essenciais na minha biografia com alguns dos meus trabalhos acadêmicos publicados sugerem é que o meu (e o de muitos outros) bilhete de admissão para estudar e ensinar cultura medieval tem sido profundamente afetivo e pessoal. A negociação mais aberta dessas motivações íntimas para aprender sobre medievalismo é talvez a diferença mais importante entre a noção predominante sobre a Idade Média cerca de 50 anos atrás e a percepção atual. Assim, vou afirmar que, como medievalistas nos tornamos mais inclusivos geograficamente (inclusão do Mediterrâneo), culturalmente (medievalismos muçulmanos), metodologicamente (mídia digital), e linguisticamente (línguas minoritárias), possuímos mais acesso à fontes editadas, bem como manuscritos, e de forma geral, um conhecimento mais amplo em relação ao que tínhamos antes acerca de diferentes aspectos do medievo. Contudo, o nosso avanço mais decisivo, eu sinto, não foi quantitativo, mas qualitativo.

Em 2003, Jacques Le Goff, reconhecido internacionalmente pela atuação no campo dos Estudos Medievais na segunda metade do século XX, publicou *A la recherche du Moyen age* (2003), um relato biográfico de como ele se tornou um medievalista e, ao mesmo tempo, um manifesto para o tipo de história praticada pela Escola dos Annales. Baseado em uma série de entrevistas, o livro de memórias de Le Goff foi escrito para um público constituído por acadêmicos, bem como um público

geral educado ainda existente na França contemporânea, essa seção de "velha Europa" onde os intelectuais, mesmo medievalistas, despreocupadamente desempenham um papel na vida pública.

Enquanto Le Goff não compartilha com o mundo porque, na idade de dez anos, decidiu que iria estudar História, ele recorda que foi a novela histórica de Walter Scott, *Ivanhoé* (1819), que o despertou para a Idade Média. A narrativa criada por Scott, de acordo com Le Goff, recorreu a certos traços materiais do período medieval como a floresta entre Sheffield e Doncaster, o cerco do Castelo de Torquilstone, o torneio em Ashby com sua audiência dos campões, comerciantes, damas da corte, cavaleiros, monges e sacerdotes para criar uma impressão de verossimilhança que capturou sua imaginação e o conduziu ao caminho para se tornar um medievalista.

Le Goff reafirma, em forma de aviso, que ele realmente não decidira nesta tenra idade que centraria seus esforços posteriores nos aspectos materiais da cultura medieval. No entanto, longa é a lista de atrações reais em *Ivanhoé* que posteriormente ele dedicaria artigos e livros. Na verdade, se nós pudermos colocar qualquer confiança nas lembranças de Le Goff, as experiências literárias de sua juventude culminariam em inúmeros e decisivos episódios de sua biografia: às vezes, as conexões entre o medievalista e a novela não passam pouco mais do que analogias vagas; em outros casos, no entanto, tais lembranças passadas são bastante específicas, como quando as tribulações e provações da bela Rebecca de York, acusada de bruxaria, levou o adolescente Le Goff a se alistar em uma organização política, a *Front Populaire*, que se opunha ao crescente antisemitismo e racismo na pré-ocupação da França (Le Goff, 2006: 18-20).

Uma análise mais aprofundada do livro de Le Goff exibe uma notável dicotomia. Enquanto ele tenta estabelecer uma base afetiva para sua escolha de se tornar um medievalista, ao traçar memórias medievais de volta aos seus primeiros encontros com Walter Scott e conectar seu interesse na política do século XX com suas reações aos episódios em *Ivanhoé*, ele rapidamente diminui essas lembranças à nostalgia desenhandando fronteiras claras entre a investigação científica acerca do medievo de um lado, e imagens indistintas ou ideias sobre a Idade Média, como representadas na cultura popular incluindo romances históricos, por outro. Ele sente que não pode confiar em suas próprias recordações, supondo que talvez o valor da verdade de qualquer memória vai necessariamente sofrer de uma perspectiva pessoal *post-hoc*, uma atitude que iria fabricar uma teleologia linear para um estudioso que passou da leitura de *Ivanhoé* a ensinar na Sorbonne.

A demarcação de Le Goff entre memórias subjetivas e investigações acadêmicas é, de fato, um *topos* entre os medievalistas cujos padrões discursivos dominantes exigem que a conexão afetiva do sujeito investigador seja mantida distante para não contaminar os temas da investigação. Nada melhor exemplifica este *topos* do que a introdução da obra de Horst Fuhrmann, *Einladung ins Mittelalter* (1987, sem

tradução) em que ele deseja que seu livro, destinado a ser um convite à audiência geral para conhecer a cultura medieval, se feche automaticamente a qualquer historiador que tentar abri-lo e lê-lo. Fuhrmann, em seguida, confessa: "Espero que não seja desvantagem nem para o assunto, nem para o autor, se este admitir que se divertiu explicando a um público de não-especialistas o esboço de sua própria Idade Média" (Fuhrmann, 1987: 10). Surpreendentemente, movendo-se da primeira para a terceira pessoa na mesma sentença, Fuhrmann expressa gramaticalmente a posição contrária da maioria dos medievalistas do século XX em relação aos interesses pré e extra-acadêmico sobre a cultura medieval.

Kathleen Biddick identificou o período histórico, os métodos, e as motivações que conduziram à demarcação entre o interesse acadêmico e extra-acadêmico a respeito da Idade Média. Em seu livro *The Shock of Medievalism* (1988, sem tradução), ela escreve:

A fim de diferenciar-se dos estudos populares do medievo e de exaltarem a si mesmos, os novos medievalistas acadêmicos do século XIX, influenciados pelo positivismo, designaram suas práticas como científicas, evitando o que eles consideraram como menos "positivistas", técnicas "não-científicas", rotulando-as de Medievalismo. [...] A insistência de Gaston Paris em leituras documentais da poesia medieval em sua nova Filologia separou o estudo de literatura da teoria poética. Viollet-le-Duc produziu uma história da arte separando as imagens de seu entorno material. Bishop Stubbs recusou-se a ensinar qualquer história constitucional além do século XVII, alegando que era muito contemporânea. Através desses diferentes tipos de exclusões, justificadas como recusa do medievalismo sentimental, esses estudiosos puderam imaginar uma coerência no interior da disciplina de Estudos Medievais. O Medievalismo, um efeito fabricado desta nova forma de Estudos Medievais, tornou-se assim visível ao ser desprezado como o "outro", seu exterior (Biddick, 1998: 01-02).

Biddick continua a ilustrar como as críticas historiográficas mais recentes a respeito desse momento de ruptura, ao rejeitar os "pais" dos Estudos Medievais e expor seus objetivos frequentemente nacionalistas e imperialistas, nunca questionaram suficientemente as técnicas científicas e a cronologia tradicional. Ao contrário, ao aumentar exponencialmente o nosso conhecimento sobre a história da disciplina, eles pararam bruscamente o engajamento com o passado medieval que imaginaria, nas palavras de Biddick, "a temporalidade como nada mais do que uma rígida distinção" (Biddick, 1998: 10).

Kathleen Biddick, Aranye Fradenburg, e Carolyn Dinshaw, para citar apenas alguns autores, têm defendido tais aproximações atemporais, e eu vejo o livro de Dinshaw, *How Soon is Now? Medieval Texts, Amateur Readers, and the Queerness of Time* (2012, sem tradução), como um catalisador para a criativa fusão resultante das abordagens "amadoras" e acadêmicas. Aqueles de nós convencidos de que o futuro

dos Estudos Medievais só pode ser assegurado através da morosidade e comunicação exclusiva entre seus pares acadêmicos, vai achar *How Soon is Now* uma leitura difícil, pois Dinshaw idealiza a figura do amador, a quem os eruditos e universitários de tempo integral têm por bode expiatório como seu eterno "outro" desde o final do século XIX. Dinshaw tece em sua narrativa como chegar em seu próprio momento ideal de "Agora," este "momento que não é desencantado e separado" de uma "pré-modernidade mais justa e mais unida" (Dinshaw, 2012: 39). Vários foram os momentos, entre a estudante de graduação até a acadêmica bem-sucedida, quando ela mesma se sentiu como uma amadora ao negociar "a única qualidade proibida ao professor moderno": o amor.

Dinshaw comemora o que ela chama de "estranho parentesco" com o tipo de amor do "amador", o mais básico "deleite" desfrutado por aqueles que denominamos como "amantes", o prazer cotidiano sentido pelo a-histórico jornalista, o desejo dos meros "entusiastas" que Platão nos advertiu sobre, aqueles que estão obcecados por responder as perguntas sobre o passado em seu próprio presente, bem como em tantos outros momentos em que ocorreu a recepção da cultura medieval durante a longa duração que é o pós-medieval.

O livro de Dinshaw, com sua efetiva integração retórica, estrutural e metodológica do pessoal e do profissional, do confessionário e do crítico, da autorreflexão e da seriedade acadêmica, demonstra que a bolsa de pesquisa é sempre profundamente autobiográfica. Quando Leslie J. Workman, o fundador dos Estudos do Medievalismo Anglo-American (Anglo-American medievalism studies), tentou construir um espaço para estudar a recepção do medievo após a Idade Média, nos anos 1980 e 1990, com base em sua própria exposição pessoal à continuidade única que caracteriza a tradição anglo-americana, ele passou por tudo: desde a indiferença ao desdém extremo entre os medievalistas e editores, a maioria dos quais o rejeitou como amador porque ele não tinha um diploma de doutorado e tinha perdido a nomeação acadêmica quando sua faculdade foi fechada. No entanto, mesmo um eminente professor universitário como Norman Cantor iria ser desprezado por seus colegas acadêmicos, porque, como o obituário do *New York Times* afirmou, ele tinha um "estilo de prosa graciosa e [...] uma unidade narrativa que fez seus livros excepcionalmente legíveis" (Saxon, 2004).

Quando, como Workman, Cantor confirmou que toda bolsa de pesquisa foi autobiográfica e que seus esforços acadêmicos acumulados para recuperar a Idade Média só resultaram em tantas (subjetivas) reinvenções desse período, muitos revisores o trataram como se ele tivesse desonrado o campo e seus pais fundadores (de Bloch, Curtius, Gilson, Haskins, Huizinga, Kantorowicz, Knowles, Lewis, Panofsky, Schramm, Strayer a Tolkien) com seu livro *Inventing the Middle Ages* (1991, sem tradução). Cantor teve que escrever um livro extra, a autobiografia de pleno direito *Inventing Norman Cantor* (2002, sem tradução), em que ele reafirmou que a "tarefa final e obrigação de um historiador" era fazer a história "comunicável e

acessível ao público educado em geral" (Cantor, 2002: 223) e que são "a felicidade e tristeza de nossas próprias vidas" (Cantor, 2002: 228) que molda nossas bolsas e pesquisas acadêmicas.

O que diferencia o livro de Dinshaw dos esforços da maioria dos colegas que praticam, com um sucesso variado, o que chamamos de "Medievalismo" é que ao cortar o cordão da temporalidade linear e integrar sua relação afetiva à Idade Média, ela se resguarda de jurar lealdade ou aos Estudos Medievais ou ao Medievalismo.

No ensaio de 2010, *"Chaucer's American Accent,"* David Matthews situa o atoleiro semântico e metodológico em torno de ambos termos e práticas:

Há uma forte sugestão [...] que ao longo do tempo a tendência é que os Estudos Medievais passem para o Medievalismo, pois ao se atualizar incessantemente, os Estudos Medievais expelem o que não deseja mais reconhecer como parte de si. Entre as obras do final do século XX, poderíamos considerar o exemplo do livro *A Preface to Chaucer: Studies in Medieval Perspective* (1962, sem tradução) de D. W. Robertson e perguntar se este está indo pelo mesmo caminho. Na crítica contemporânea a Chaucer, o trabalho de Robertson é principalmente citado para apontar onde ele errou destacando as imprudências da crítica exegética. Em outras palavras, a função da obra se tornou a de diferenciação — a erudição moderna se distingue por comparação a ela, assim como a História Literária e Política anteriormente se posicionaram contra [Thomas] Warton e [Bishop] Stubbs. Tais obras são expulsas dos Estudos Medievais e tornam-se Medievalismo. [...] Este é um processo contínuo, de modo que os estudos relacionados ao Medievalismo arrisquem ser não mais do que uma peneiração dos fragmentos espalhados (*disjecta membra*) dos Estudos Medievais (Matthews, 2010: 759-760).

A lembrança de Matthews sobre a mudança de paradigma da exegese patrística de D. W. Robertson é particularmente apropriada porque foi uma das práticas constitutivas que contribuiu com a noção de Idade Média na primeira década dos anos 1960. Ainda mais notável é como a linguagem em sua passagem exala manifestações de tempo, movimento e processo, três áreas que os historiadores conceituais estabeleceram como um dos princípios centrais do pensamento moderno. No livro *Futures Past: On the Semantics of Historical Time* (2004), Reinhart Kosellek, por exemplo, descobre que entre 1770 e 1830, o *Deutsches Wörterbuch* (Dicionário Alemão) de Jacob Grimm registrou mais de 100 neologismos (por exemplo: evento, formação, duração, desenvolvimento, *Zeitgeist*) que qualificavam *Zeit*/tempo em uma forma histórica positiva (Kosellek, 2012: 269-282). Da mesma forma, o *Oxford English Dictionary* aponta o primeiro uso de "movimento" para 1789; "formação" é cada vez mais empregado após 1830; "duração" decolar no início do século XVIII; "desenvolvimento" é desconhecido antes de 1750; e "época" é registrada como uma invenção do século

XVII. Kosellek também vincula a rápida associação do termo “-ISMO” com “tempo” por se tornar uma força dinâmica e histórica. Immanuel Kant cunha “republicanismo”, que Friedrich Schlegel o substitui com “democratismo”, “comunismo”, “socialismo”, “liberalismo” e “feminismo” que logo chegariam às Ilhas Britânicas provenientes do continente, apenas para serem substituído por termos ingleses usando “-ISMO”, de forma a combater esta nova obsessão com temporalidade, movimento e mudança, mais proeminentemente “conservadorismo” e, adivinhe você, “medievalismo”.

Assim, a palavra inglesa “medievalismo” de muitas maneiras representa uma reação insular conservadora contra a tendência continental de condenar e abandonar tudo o que é pré-moderno. Se a França, a Itália, e muitas regiões de língua alemã identificaram a cultura medieval como um passado utilizável contra um futuro diferente que poderia ser construído, Grã-Bretanha e os Estados Unidos (exceto por um curto período após a Revolução Americana) imaginou seus países e comunidades ligados ao passado medieval por um tipo único de continuidade. No contraste notável à violência da Revolução Francesa, os políticos, historiadores e artistas ingleses consagraram o principal evento revolucionário pós-medieval na História Britânica (1688) como um acontecimento “glorioso,” “sensível,” e “não-sangrento”, comemorando todas as tradições políticas e jurídicas derivadas da Idade Média como sinais de uma comunidade orgânica e pacificamente progressista, o tipo de construção ideológica baseada na afirmação de Leslie Workman sobre o “medievalismo ser um fenômeno predominante inglês ao longo do século XIX e início do XX” (Utz, 1998: 449-440).

A decisão de Carolyn Dinshaw de abandonar a obsessão moderna com a temporalidade proporciona-lhe uma vantagem epistemológica sobre gerações de medievalistas, os quais se preocuparam em historicizar todos os aspectos da sua bolsa de pesquisa e suprimir os elementos subjetivos dela. De fato, a posição de Dinshaw pode estar mais próxima do Deus Boethiano que existe em um “eterno agora”. Seu engajamento com as posições e textos sobre a temática medieval e pós-medieval é simultânea aos “originais” da Idade Média, assim como com os vários momentos na recepção desses “originais”. A História só emerge em sua narrativa através das diferentes idades com as quais ela experimenta um texto ou assunto, embora seu livro esteja mais próximo de um divino eterno presente. Ele faz mais do que resolver o que Paul Zumthor criticou já em 1980 como “a ilusão de que poderia levar a alguém falar do passado de outra forma que não seja baseado no agora” (Zumthor, 2009: 32-33).

Enquanto muitos medievalistas concordarão que *How Soon is Now?* oferece maneiras verdadeiramente inovadoras de releitura da cultura medieval e pós-medieval, apenas um pequeno número será capaz de realizar, intelectualmente, epistemologicamente, e linguisticamente, o estranhamento abrangente da temporalidade que Carolyn Dinshaw alcança. Alguns medievalistas podem não adotar sua aproximação pós-histórica porque acreditam que o historicismo ainda continua a

ser uma arma essencial e eficaz no arsenal de encontro àqueles que querem alistar a Idade Média em causas nacionalistas, colonialistas e racistas. O livro de Dina Khapaeva *Portrait critique de la Russie* (2012, sem tradução), por exemplo, documenta como a Rússia de Putin embarcou no caminho para um novo feudalismo com uma economia do clã, moralidade gótica, e até mesmo uma estética gótica. Outros medievalistas podem achar que é difícil parar de operar como machos alfa dentro de um (antigo e novo) historicismo germânico machista, o qual Elizabeth Scala tem diagnosticado como uma parte integrante "da estrutura de lealdade que mantém junto o campo dos Estudos Medievais hoje" (Federico; Scala, 2009: 204) e que vê qualquer tendência a feminizar, e, portanto, desestabilizar, como uma ameaça para as estruturas de poder existentes no campo. Novamente outros medievalistas podem temer que um movimento em direção à inclusão de tais assuntos cotidianos como amor, entusiasmo e paixão como elementos aceitáveis do trabalho acadêmico pode enfraquecer ainda mais a situação já precária das disciplinas de Humanidades no atual meio universitário.

Onde essas observações me deixam? Como um expatriado alemão trilíngue, branco e heterossexual que foi educado na tradição filológica germânica, e agora ensina e escreve sobre medievalismo, enquanto empregado de uma grande universidade norte-americana. Será que sou um caso atípico o suficiente para fazer uma contribuição significativa para o discurso pós-histórico que Carolyn Dinshaw e outros propõem? Como ex-presidente do departamento de Letras (*English*), atualmente diretor da *School of Literature, Media, and Communication*, presidente da Sociedade Internacional de Medievalismo e editor da revista de mesmo nome, sou um dos (velhos ou novos) historicistas machos alfa que cimentam o *status quo*? E se eu incluísse mais “amadorismo” em minha carreira, mais amor por aprender e ensinar sobre cultura medieval de modo consciente em minhas práticas acadêmicas, eu de alguma forma aceleraria o declínio e a queda do nosso campo? Não tenho certeza se tenho as respostas para as duas primeiras dessas perguntas, mas vou tentar abordar a terceira.

Temos indicadores confiáveis em todo o mundo que o estudo tradicional da Idade Média, depois de mais de um século de crescimento e estabilidade, está agora em declínio. Isto é apenas em parte devido às pressões políticas e a transformação do ensino superior, mas por outro lado, como resultado de um fenômeno social natural que acontece quando novos campos, ideias e metodologias remodelam o quê, e como nós ensinamos e aprendemos. Há uma discrepância manifesta entre o grande número de estudantes que pedem que nós professores abordemos seu amor por Harry Potter, Senhor dos Anéis, *Game of Thrones*, e jogos de videogame com temática medieval, e o número decrescente de medievalistas acadêmicos contratados para substituir os colegas aposentados nas universidades. Além disso, parece que haverá cada vez menos medievalistas com verbas para pesquisa (*tenure* e concursados), e mais contingente de medievalistas formados trabalhando meio período no ensino EAD ou em outras atividades online, algo que irá embaralhar as hierarquias a que todos estão

acostumados. Sabendo o que sabemos agora sobre o nosso próprio entusiasmo acadêmico e “amador” em relação ao passado medieval, eu acho que devemos buscar parcerias mais duradouras com os pós-medievalistas dentro da Academia, bem como com esses chamados “entusiastas” para o bem de um futuro engajado com a cultura medieval. “Estes amadores”, como Michael Cramer afirmou sobre os membros da *Society for Creative Anachronism*:

têm estudado frequentemente o período por anos, às vezes décadas, às vezes por uma vida inteira. Eles realizam experimentos incrivelmente bem projetados em arqueologia experimental. Eles muitas vezes investem mais no campo, em termos de tempo e dinheiro, do que alguns professores pesquisadores. (Emery, Utz, 2014: 207)

E assim eu pergunto: o que a *Society for Creative Anachronism* pode acrescentar ao nosso conhecimento sobre cultura medieval, praticando ferraria, reencenando a Batalha de *Hastings* ou performando dança histórica e teatro? Será realmente menos confiável ou importante do que trabalhos fundamentados por notas de rodapé, sobre como toda literatura e arte medieval criada precisa ser lida de acordo com os princípios da exegese patrística? Será que o megaprojeto do entusiasta Michel Guyot de construir um castelo medieval a partir do zero no norte da Borgonha (*Guedelon*), durante um período de trinta anos, com base em planos de construção do século XIII e sem tecnologia moderna é menos relevante ao nosso entendimento sobre cultura medieval, do que mais de 50 ensaios obcecados sobre quem poderia ser o autor “real” do anônimo *Saint Erkenwald*, *Nibelungenlied*, ou o *Cantar de Mio Cid*? Ainda pergunto: quão útil tem sido nosso isolamento do público em geral nos últimos 200 anos da Academia, principalmente com pesquisas disseminada entre nós, fornecendo evidências detalhadas de que o *ius primae Noctis* ou o “direito da primeira noite do senhor” nunca foi realmente praticado, mas foi um dispositivo fictício e legal inventado pela nobreza tardo-medieval, para que todas essas provas acadêmicas sejam obliteradas por um único minuto do filme *Coração Valente* de Mel Gibson?

Se o estudo acadêmico da Idade Média foi apenas parcialmente bem sucedido em moldar o conhecimento público sobre a cultura medieval e sua longa duração (ou simultaneidade) em nossas vidas, então talvez este seja o momento em que devemos considerar seriamente outras maneiras de se engajar com nosso assunto. Talvez seguindo o exemplo do acadêmico Umberto Eco (1932-2016), que não só escreveu sobre a vida após a morte na Idade Média em grandes jornais e revistas, mas tocou um público maior com o romance *O Nome da Rosa* (1986). Uma outra maneira de promulgar um interesse acadêmico, mas amplamente acessível, é uma intervenção agressiva no uso de heranças medievais imaginadas pelos meios de comunicação, seja quando o partido de direita se apropria de Joana d'Arc e Clóvis para justificar o nacionalismo francês ou quando o primeiro-ministro australiano Tony Abbott nomeia o Príncipe Filipe para um título de cavaleiro da ordem da Austrália. Ou a

minha própria aula “Atlanta Medieval” na Georgia Tech, destinada a ajudar os alunos a lerem vestígios da cultura medieval na arquitetura, rituais, entretenimento, linguagem, objetos e política na sua própria cidade.

Essa ampla mistura de medievalismos acadêmicos e populares só pode acontecer se aqueles entre nós, atualmente em posições acadêmicas, permitirmos um ensino inovador, acesso aos nossos periódicos e blogs. Se não aprendermos a reconhecer tais atividades amadoras, poderemos ainda assemelhar-nos aos colegas excludentes que, por volta de 1930, quase terminaram a carreira de Ernst Kantorowicz (1895-1963). Muitos deles não o criticaram por sua ideologia conservadora em sua biografia de Frederico Barbarossa (*Kaiser Friedrich der Zweite*, 1927), mas porque ele tinha ousado escrever um discurso alternativo para um público não acadêmico. Se, como eu, você percebeu que nos últimos anos algumas das suas comunicações mais valiosas e emocionantes sobre medievalismo vêm de blogs ou sites como o *Medievalists.net* ou *The Public Medievalist*, garanta que estes espaços sejam reconhecidos, mesmo se não estiverem enquadrados nas normas tradicionais acadêmicas dos títulos e das instituições.

Vamos ajustar nossos sistemas de reconhecimento para incluir todas as abordagens que agregam valor à nossa compreensão mais profunda sobre a Idade Média e sua presença contínua no mundo contemporâneo. Tal compreensão mais profunda incluirá crescentes e variados graus de envolvimento consciente do pesquisador, às vezes mais abrangente e apaixonante como no caso de Carolyn Dinshaw, às vezes de modo fragmentado como nesta palestra. Na minha opinião, ampliar essa igualdade entre “amadores/entusiastas” e acadêmicos significa que nossa noção da Idade Média será cada vez mais aquela que une novamente o que o cientificismo da Academia moderna manteve separado durante a maior parte do século XX. Morando sob a asa gentil do medievalismo, iniciada nesse Congresso por Leslie Workman (1927-2001) e Kathleen Verduin (Hope College) na década de 1980 e agora se espalhando por toda parte, temporalidades anteriormente inflexíveis e distinções datadas entre entusiastas e acadêmicos, agora tem uma chance de unir todos os que amam, nós amadores, a Idade Média.

Referências

Biddick, K. *The Shock of Medievalism*. Duke University Press: Durham & London, 1998.

Cantor, N. *Inventing Norman Cantor: Confessions of a Medievalist*. Tempe, Arizona: Arizona Center for Medieval and Renaissance Studies, 2002. (ACMRS Occasional Publication Vol. 1).

Utz, Richard; Roma, Barbara L.
 A Noção de Idade Média: Nossa Idade Média, Nós Mesmos
www.revistarodadafortuna.com

Cramer, M. A., “Reenactment”, in: EMERY, Elizabeth (ed), UTZ, Richard (ed). *Medievalism: Key Critical Terms*. Cambridge: Brewer, 2014. p. 207-214.

Dinshaw, C. *How Soon is Now? Medieval Texts, Amateurs Readers, and the Queerness of Time*. Durham, NC: Duke University Press, 2012.

Le Goff, J. *Em busca da Idade Média*. Tradução de Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

Kosellek, R. *Futuro Passado: Contribuição à Semântica dos Tempos Históricos*. Trad. Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira; Revisão César Benjamin. Rio de Janeiro: Contraponto/PUCRJ, 2012.

Matthews, D. “Chaucer’s American Accent”. *American Literary History*, vol. 22, nº 4, Medieval America (Winter 2010). p. 758-772.

Saxon, W. “Norman F. Cantor, 74, a noted medievalist, is dead”. *New York Times*, September 21, 2004. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2004/09/21/obituaries/norman-f-cantor-74-a-noted-medievalist-is-dead.html>>

Scala, E. “The Gender of Historicism” In: FEDERICO, Sylvia (ed.); SCALA, Elizabeth (ed.), *The Post-Historical Middle Ages*. New York: Palgrave Macmillan, 2009. p. 191-214.

Furhmann, H. *Einladung ins Mittelalter*. Verlag C. H. Beck: Frankfurt, 1987.

Utz, R. “Speaking of Medievalism: An interview with Leslie J. Workman” In: _____ (ed.); SHIPPEY, Tom (ed.) *Medievalism in the Modern World. Essays in Honour of Leslie J. Workman*. Turnhout: Brepols, 1998. Vol. 1. p. 433-449.

Zumthor, P. *Falando de Idade Média*. Trad. Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Perspectiva, 2009.

Artigo traduzido da versão original em inglês